

## Uma história dos mapas da imprensa que fazem história

Carla Sales

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/5564>

ISSN: 2316-7793

**Editora:**

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

**Referência eletrónica**

Carla Sales, « Uma história dos mapas da imprensa que fazem história », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 07 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/5564>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 janeiro 2020.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Uma história dos mapas da imprensa que fazem história

Carla Sales

---

## REFERÊNCIA

Novaes, André (2019). “Maps in Newspaper: Approaches to Study and Practices in Portraying War since the 19th Century”. *Map History*, issue 1.1. Leiden/Boston: Brill.

- 1 Fazer a leitura de *Maps in newspapers: approaches to study and practices in portraying war since the 19th century* é, sem dúvida, percorrer uma obra ímpar. Primeiramente, por seu formato não tão comum na produção acadêmica do Brasil, trata-se de uma monografia que compõe o primeiro volume da coleção *Brill Research Perspectives in Map History*, da editora holandesa *Brill*, que propõe trabalhos aprofundados sobre uma determinada perspectiva da história da cartografia e suas abordagens.<sup>1</sup> Em segundo, mas não menos importante, também se destaca a particular riqueza das abordagens metodológicas que o texto explora para a pesquisa e compreensão das construções cartográficas, particularmente aquelas da imprensa.
- 2 De ímpar, torna-se também uma obra necessária no sentido de colocar em diálogo as diversas abordagens para o estudo dos mapas em sua pluralidade de formas. Mais da metade de suas páginas são destinadas a essa densa discussão, que o autor desenvolve com fluidez, aportado em uma variedade de autores que nos faz sentir viajando entre ideias. Trata-se de uma espécie de confluência de todo trabalho que André Novaes vem construindo sobre o universo dos mapas na imprensa, desde seu mestrado, passando pelo doutorado, até seus mais recentes projetos de pesquisa.
- 3 Por tal veemência, a história da cartografia de Novaes passa longe de uma massiva descrição da sucessão de mapas evoluindo em uma linha temporal. O autor dispensa o enfoque cronológico e perpassa pelos períodos históricos de modo a salientar ora as diferenciações, ora as aproximações entre eles. Assim, para dar conta de uma temática tão ampla que são os mapas na imprensa, o autor seleciona exemplos que considera

proeminentes do contexto brasileiro: a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra às drogas nas favelas do Rio de Janeiro (1994-2010).

- 4 Isso porque, não diferente de outros países, no Brasil também existe uma relação íntima entre a cartografia na imprensa e as guerras, instigada pelo interesse de situar os avanços de guerra e os conflitos territoriais. Algo que remonta aos primeiros exemplos de mapas impressos em jornais e que, até hoje, impulsionam sua produção. Com isso, a discrepância temporal e de escala entre os exemplos selecionados é intencional e contribui com o objetivo do autor de explorar os diferentes contextos das instituições de mídias, das técnicas e das tecnologias. Não em uma narrativa evolutiva da superação das limitações, mas destacando suas possíveis diferenças e continuidades.
- 5 Prova disso é a maneira como a argumentação do texto está esquematizada em três questões direcionadoras que compõem a divisão do texto. A primeira delas, como conceituar os mapas na imprensa, presente na introdução, apresenta um conjunto de ferramentas metodológicas e uma articulação entre os debates da história da cartografia e da história das ciências que apresentam o mapa como um artefato. A segunda, como a cartografia dos jornais impressos tem sido estudada, é debatida na primeira seção do texto, com foco nos discursos sobre as imagens cartográficas e não nas imagens em si, promove o debate entre diferentes ideias, abordagens e autores. Já a última questão sobre quais mudanças esses mapas sofreram ao longo do tempo é debatida ao longo da segunda seção do texto, onde o foco passa para as imagens em si, analisando os exemplos de forma articulada às suas informações históricas, autores, contexto de produção, circulação e inter-relações com outras imagens e produções textuais.
- 6 Em tais etapas do texto, Novaes não se limita a esquematizar uma apresentação dos exemplos e histórias da cartografia nos jornais impressos, mas compõe uma destacada abordagem crítica sobre os mapas. Pouco a pouco, questiona a estandardização do mapa enquanto um objeto neutro e acabado, mostrando a construção de tal questionamento na história da cartografia. Em seguida, guia-nos por diversos aspectos imbuídos no mapa que o torna algo posicionado, com atores, construções sociais, escolhas e valores que influenciam a imagem cartográfica. Foi com essa intenção que demos título a esta resenha, destacando que os mapas dessa obra não aparecem para *ilustrar* uma realidade noticiada, mas para *fazer* essa realidade, juntamente com outras fontes e textos, em uma intertextualidade de base. Afinal, mapeadores são mais criadores do que refletores (Black, 1997).
- 7 Ainda para desmistificar e posicionar a elaboração dos mapas na imprensa, o autor se esquia de narrativas evolucionistas ou de aperfeiçoamento dos mapas e, como alternativa, enfatiza os atores sociais envolvidos na construção do mapa, seus diferentes lugares, práticas e discursos. Desse modo, pretende com “(...) a historiografia e a história dos mapas nos jornais oferecidos nessa publicação, enfatizar alguns caminhos para uma história da cartografia menos eurocêntrica, normativa e progressiva”.<sup>2</sup>
- 8 Uma valiosa contribuição é trazer à tona o debate sobre a circulação de ideias e de técnicas, relacionando as limitações e as possibilidades materiais com o que se torna visível e interpretativo na imagem cartográfica. Assim, estabelece a relação entre técnica, linguagem e comunicação inseridos nos mapas, algo pouco ou fracamente explorado no estudo das imagens e representações pela geografia. Nesse sentido, os

mapas na imprensa são entendidos como artefatos de encontro entre diferentes lugares, tecnologias, discursos e práticas cartográficas. Isso porque, aportado na abordagem da história das ciências, reconhece a imprensa como um importante agente social de transformação na circulação de ideias e práticas representacionais em várias partes do mundo, inclusive centros e periferias. Por conseguinte, os mapas produzidos pela imprensa do Brasil são estudados não em suas características intrínsecas, mas se conectam a um amplo movimento de pessoas, conhecimentos, máquinas e práticas internacionais.

- 9 Ao discutir uma possível história do estudo dos mapas na imprensa, Novaes destaca que, por vezes, essa história foi contada de forma isolada e segregada, colocando os mapas da imprensa como uma categoria específica, o que omite as influências e trocas que estes possuem com diferentes modos e práticas cartográficas. Assim, no lugar dessa categorização, o autor discute e adota as noções de “modo cartográfico” (Edney, 1993) e de “gênero cartográfico” (Lois, 2015) como meios de combinar as diferentes formas e funções do mapeamento, cada qual comprometido com um conjunto de relações culturais, sociais e tecnológicas.
- 10 Uma inegável contribuição para mudar os rumos da história da cartografia, e logo da cartografia na imprensa, foi a obra de John Brian Harley (1932-1991), que promoveu uma virada crítica, na década de 1980, ao adotar o método iconológico e traçar diálogos com a geografia histórica e a história da arte nos estudos sobre cartografia. Defendeu a análise do mapa como um todo e, para tal, refutava as dicotomias, evolucionismos e polarizações, principalmente entre arte e ciência, persuasão e precisão. A ampla possibilidade interpretativa dos mapas, disseminada pelos textos de Harley, ampliou e estimulou uma agenda de pesquisa para mapeamentos fora da academia.
- 11 Entretanto, seguindo a vertente crítica em que iniciou sua obra, Novaes destaca o quanto tal inovação não ocorre de forma linear. Esforços anteriores ocorreram, ainda que de forma isolada, assim como também persistiram, e ainda persistem, abordagens evolutivas e dicotômicas na análise dos mapas. Para o autor, carece, na cartografia crítica baseada em Harley, uma postura mais cuidadosa da história da arte. Isso porque, priorizou-se uma abordagem da iconologia baseada em Erwin Panofsky (1892-1968) e, conseqüentemente, na simplificação da análise de imagens em uma perspectiva cronológica. Destarte, a cartografia crítica tardou a considerar conceitos centrais da teoria de Aby Warburg (1866-1929), uma importante figura da perspectiva iconológica, como o de série e de sobrevivência, que desafiam a noção de evolução temporal e possuem ampla contribuição para a análise dos mapas da imprensa.
- 12 O conceito de sobrevivência na construção de imagens reduz a devoção pela cronologia que tanto fomentou a ideia de renascimento ou reaparição. Já no caso da cartografia, desconstrói as meta-narrativas que associavam diretamente os mapas a contextos sociais convertidos em totalidades históricas. Assim, para Novaes, abre-se caminho para considerar os mapas da imprensa como um modo cartográfico pelo qual práticas antigas de mapeamento sobreviveram ou ressurgiram após a reforma científica da cartografia. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos cartógrafos criticavam os mapas da imprensa por usar práticas da cartografia pré-moderna, reproduzindo ou reformulando projeções e símbolos dos mapas antigos.
- 13 A crítica à iconologia acarreta diversos frutos nos estudos sobre as imagens cartográficas, principalmente através do foco no conjunto de técnicas e práticas que produzem o mapa e influenciam a impressão, circulação e recepção do conhecimento

espacial. Com essa perspectiva, muitos autores reconduzem a compreensão do mapa em diferentes definições, mas possuem um ponto em comum na ideia de artefato, ou seja, do mapa como uma experiência espacial da prática cotidiana.

- 14 Na cartografia da imprensa, a abordagem materialista destaca seus mapas em sua intertextualidade, ou seja, como uma prática que se associa a muitas outras informações textuais disponíveis na vida cotidiana. Trata-se de um desafio metodológico que procura reduzir a grande diferenciação entre representação e prática.
- 15 O caminho que Novaes percorre entre diferentes abordagens do estudo do mapa da imprensa não tem o objetivo de isolá-las ou de eleger um melhor aprimoramento ou adequação. O autor destaca que muitas abordagens continuam, outras são associadas, mais do que escolher uma única proposta, é possível combinar métodos no estudo dos mapas para uma visão mais ampla e completa. É com essa perspectiva em mente que os três exemplos de cartografia na imprensa brasileira são apresentados, assim, visualizamos uma rica coletânea de mapas que é associada a um amplo conjunto de informações não só históricas, como comunicativas, interpretativas, carregadas de intencionalidade e, principalmente, de sua materialidade técnica e de circulação do conhecimento.
- 16 Por anos, os mapas encantam olhares curiosos ao redor do mundo, expõem e revelam sentidos sobre os espaços. Trata-se de uma ferramenta incrivelmente rica que merece uma abordagem comprometida tal como aquela que André Novaes nos propõe em seu texto, explorando como o mapa possui diversos ângulos de visão, cada qual com seu potencial de revelação e investigação sobre nossas relações com o espaço.

---

## BIBLIOGRAFIA

Black, Jeremy (1997). *Maps and Politics*. London: Reaktion Book.

Edney, Matthew (1993). "Cartography without Progress: Reinterpreting the Nature and Historical Development of Mapmaking". *Cartographica*, n. 30, pp. 54-68.

Lois, Carla (2015). "El mapa, los mapas. Propuestas metodológicas para abordar la pluralidade y la inestabilidad de la imagen cartográfica". *Geograficando*, v. 11, n. 1.

Novaes, André (2019). *Maps in Newspaper: Approaches to study and practices in portraying War since the 19th Century*. Map History, issue 1.1. Leiden/Boston: Brill.

## NOTAS

1. Nesse primeiro volume, a cartografia nos mapas da imprensa.
2. Do original: "(...) the historiography and the history of maps in newspaper offered in this publication seek to stress some paths toward a less Eurocentric, normative and progressive history of cartography" (Novaes, 2019: 8).

---

## AUTORES

**CARLA SALES**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: [carla.msales@gmail.com](mailto:carla.msales@gmail.com)